

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PFI)/ Departamento de
Filosofia (GFL)

Disciplina: Tópicos Especiais de Fenomenologia (Pós-Graduação) /
Epistemologia IV (Graduação: 10 vagas).

Semestre: 2022/1º

Professor: Carlos Diógenes Côrtes Tourinho (GFL/PFI)

Horário: Sexta-feira, de 9:00 h às 13:00 h



“Sobre a doutrina teleológica das ciências na fenomenologia de Husserl”

EMENTA

O objetivo principal do curso consiste em abordar o que se convencionou chamar, em Husserl, de “doutrina teleológica das ciências”. Trata-se da doutrina segundo a qual as ciências teriam, para além de sua existência de fato, enquanto fenômeno de cultura, uma teleologia própria que as guiaria: a de pretender realizar, por um esforço contínuo, a ideia diretriz de se constituir como uma “ciência autêntica”. Não se trata da formação do conceito de “ciência” através de uma abstração comparativa baseada nas ciências fáticas, mas sim, de uma pretensão que tais ciências trariam consigo, sem que pudessem justificá-la através de sua própria existência enquanto fenômeno de cultura. E é justamente nessa pretensão que encontramos a ciência como ideia de “ciência autêntica”. A análise dessa ideia para a qual convergem as ciências nos remete para um duplo movimento das realizações científicas: por um lado, a ciência retorna inúmeras vezes à demonstração de um conhecimento alcançado; ao mesmo tempo, não hesita em aspirar algo que a leve *além* de si mesma, almejando uma realização ainda mais completa que aquela anteriormente obtida. Tal aspiração revela o que Husserl denomina de uma “nostalgia infinita”, na qual as ciências procuram superar, continuamente, a si próprias, em uma marcha que se abre ao infinito (em sentido “numérico” e “teleológico”), tendo ao fundo o “fim ideal” de obter verdades que possam valer para todos e de uma vez por todas. Porém, essa marcha não seria possível sem que os juízos científicos estivessem fundados na evidência de estados de coisas que, por sua vez, supõe a evidência das coisas na experiência pré-predicativa. Tudo isso nos leva, ao final, a uma “teleologia vertical”, na qual as coisas pertenceriam ao mundo, entendido como solo originário e fundamento último das ciências da natureza.

PROGRAMA

1. Introdução à doutrina teleológica das ciências em *Meditações Cartesianas* (1931). A ideia de “ciência autêntica” como um fim último e o seu papel na determinação do sentido da ideia de “ciência” e da dinâmica das realizações científicas;
2. O duplo movimento na marcha teleológica das ciências: a possibilidade do retorno sobre um conhecimento demonstrado (de “realizar de novo” um estado de realização alcançado); o avanço das ciências do estado de realização no qual se encontram para um estado mais completo e acabado, fazendo com que as ciências transcendam (ou superem) a si mesmas, guiadas pela ideia teleológica geral da “ciência autêntica”;
3. Cada momento de realização científica é, ao mesmo tempo, um “ponto de partida” e um “ponto de chegada”; em tais realizações, encontramos um “telos relativo” (trata-se de um fim em vias de ser alcançado, porém, não ainda realizado pelas ciências) e um “telos

absoluto” (inalcançável, porém, como um “fim ideal”, torna-se uma presença continuamente determinante da dinâmica de tais realizações). A relação de “nostalgia infinita” das realizações científicas (relativas e inacabadas) para com a ideia fim (plena e absoluta) que as guia.

4. A doutrina teleológica das ciências no § 9 de *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (1936): as ciências da natureza evoluem através da elaboração e continua confirmação de suas hipóteses. Enquanto uma dada conjectura, toda hipótese traz consigo uma explicação sobre um dado objeto. Mas, apesar dessa “confirmação”, toda hipótese permanece, nos termos de Husserl, “*ainda e sempre hipótese*”; a dupla operação de formular hipóteses sobre os objetos e confirmá-las experimentalmente. Daí Husserl dizer que é da essência das ciências da natureza ser “*hipóteses até ao infinito e, até ao infinito, confirmação*”.
5. A temática do infinito na doutrina teleológica das ciências. Se em sentido “numérico”, o infinito estaria relacionado a uma abertura, por intermédio da qual se torna sempre possível acrescentar uma nova hipótese e suas confirmações, em sentido “teleológico”, o infinito seria o polo ao “fundo de um horizonte” que somente poderia ser pensado pelas ciências parcialmente, através da formulação de hipóteses, passíveis de correções ocasionais. A marcha teleológica das ciências é, portanto, para Husserl, um progresso infinito de realizações em direção a um polo “infinito”.
6. Sobre o sentido “fenomenológico” da ideia de progresso na doutrina teleológica das ciências. O modo judicativo de pensar das ciências e o princípio de “somente julgar na evidência”. Toda evidência predicativa implica em uma evidência pré-predicativa que, por sua vez, supõe o pertencimento das coisas ao mundo, entendido como um “solo originário” das mesmas. A teleologia horizontal das ciências supõe, enfim, uma “teleologia vertical” do mundo.

Bibliografia:

HUSSERL, E. *Meditações Cartesianas*. ([1931] 2001).

HUSSERL, E. “A crise da humanidade europeia e a filosofia”. In: *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, ([1935] 2008).

HUSSERL, E. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, ([1935] 2008).

Avaliação:

Obs1: para os alunos da pós-graduação, consistirá em um trabalho, articulando um dos temas da disciplina com a pesquisa desenvolvida no mestrado;

Obs2: para os alunos da graduação, consistirá em duas provas a serem agendadas na primeira semana de aula.